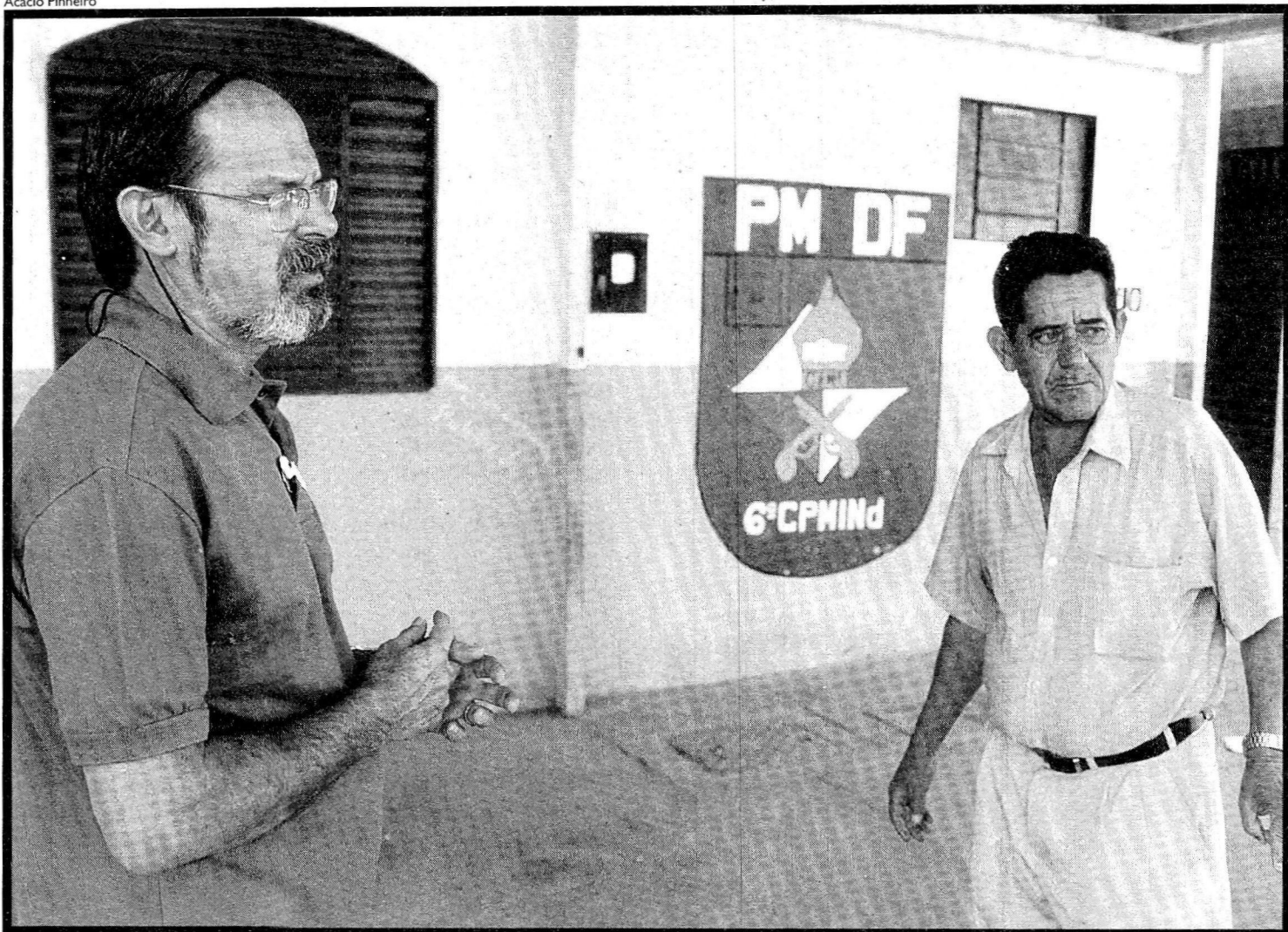


Acácio Pinheiro



ALFREDO BRAGA (E) NÃO SE CONFORMA COM A DESATIVAÇÃO DO POSTO DA QUADRA 9 DO SETOR LESTE DO GAMA: LOJAS ASSALTADAS EM PLENA LUZ DO DIA

Fechamento de postos revolta a população

O comerciante Alfredo Alves Braga, 53 anos, não se conforma até hoje. Há seis meses, a carência de policiais militares no quartel levou o comando do 9º Batalhão (Gama) a desativar o posto da corporação que ficava na quadra 9 do Setor Leste da cidade. A medida não só desagradou os moradores das quadras vizinhas, como aumentou a violência na região.

Entre os meses de janeiro e abril, onze ocorrências policiais foram registradas naquela quadra do Gama — contra seis no mesmo período do ano passado. Furtos e roubos são quase a totalidade dos casos. “Depois que o posto foi fechado, isso aqui virou um inferno. Lojas são assaltadas em plena luz do dia”, comenta Alfredo.

“E o pior é que o posto tem servido para abrigar criminosos. Erguemos o posto para a polícia e o prédio está abandonado”, relata o comerciante. Ele defende a idéia de demolir o prédio, caso a Polícia Militar não pense mais em utilizá-lo. “Do jeito que está, não pode continuar. A PM tem que ficar na rua e não enfiada dentro do quartel”, diz Alfredo.

Vizinhos distantes

A sensação de insegurança provocada pela falta de policiais militares nas ruas também atinge pessoas que vivem ao lado de quartéis. É o caso das vizinhas Margarida Oliveira Dias, 50 anos, e Jacira Tavares dos Anjos, 40. As duas moram em frente ao 9º Batalhão da PM (Setor Sul do Gama) e sabem que a violência não tem hora nem lugar. “Meu maior temor é chamar a polícia e, mesmo estando tão perto, ela não aparecer”, afirma Margarida, que vive na quadra 5 da cidade.

Por causa da falta de policiais nas ruas, o bate-papo diário entre as vizinhas precisa ser interrompido às 18h. “Quando escurece, os bandidos aproveitam para agir. Como a polícia não circula, só saio de casa em extrema necessidade”, diz Jacira.

Há seis meses, um ladrão entrou na casa de Margarida. Ela nem percebeu. Viu apenas que a bicicleta do filho havia sumido. Para evitar novos furtos, a dona-de-casa reforçou a segurança. Instalou um portão mais resistente, que fica trancado o tempo inteiro.

Situação semelhante é observada no posto da quadra 50 do Setor Leste do Gama. Como não tem efetivo suficiente, o comando do 9º Batalhão preferiu fechá-lo. O cenário no local é de puro abandono. Janelas estão trincadas e teias de aranha podem ser encontradas no teto. “Esse posto era nossa vida. Bandido nem passava perto daqui. Como não tem mais polícia, eles agora fazem a festa”, reclama a dona-de-casa Maria Alice da Conceição Sousa, 48 anos.

O caso do comerciante Carlos Silva Pereira, de 44 anos, é bem parecido. Dono de um supermercado em Mestre D’Armas (Planaltina), ele mesmo pagou a construção de um posto policial para a PM. “Fiz o local com todo o cuidado para garantir conforto dos policiais. Foi um verdadeiro presente. Mas o comando nunca mandou gente para cá.”

De acordo com o major Márcio de Oliveira Rodrigues, chefe da Comunicação Social da PM, a desativação dos postos foi uma das formas encontradas pela corporação para minimizar os efeitos da falta de efetivo. “Preferimos privilegiar o policiamento com

viaturas. Com o carro, existe uma maior mobilidade e eficácia da ação preventiva”, explica.

Com a formação da nova turma de policiais, que deve ocorrer em nove meses, a PM planeja reativar os postos. “Mas nem todos devem voltar a funcionar. Vamos analisar quais abrangem as maiores áreas”, afirma o oficial. “Cada posto exige, pelo menos, três homens por turno. O efetivo dispensado aos postos é muito grande”, completa o major.

JOGO DE XADREZ

A PM dispõe de 14.763 policiais, segundo o último balanço divulgado no *Diário Oficial*. “Nós precisaríamos do dobro para garantir um policiamento razoável”, explica o coronel Eloisio Costa, responsável pelo Comando de Policiamento. Segundo ele, a explosão populacional e o congelamento das vagas para a contratação de novos policiais são as causas da defasagem na área de segurança.

Para suprir a carência de PMs nas cidades mais violentas, o comando desloca homens de batalhões conhecidos como “curingas”: Batalhão de Opera-

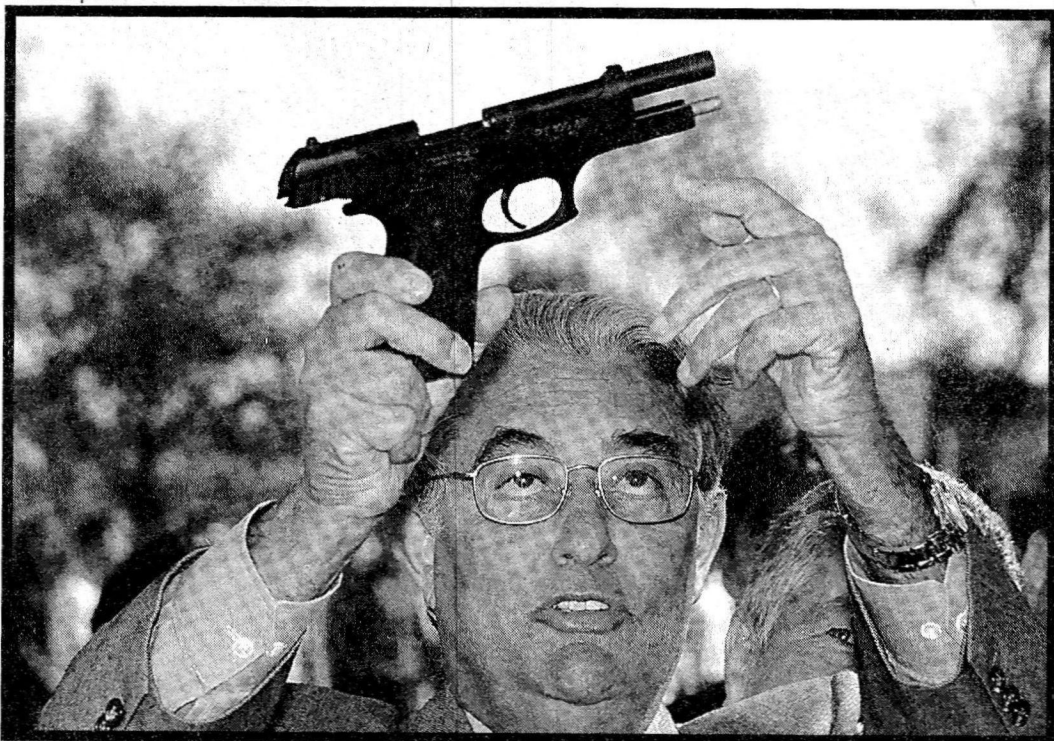
ções Especiais (Bope), Regimento de Polícia Montada e Batalhão Escolar. “Trabalho apagando incêndios. Participo de um jogo de xadrez a cada dia. Mexo as peças que tenho para tentar proteger nosso rei (a população)”, compara o coronel Eloisio Costa.

A contratação de policiais no DF depende de decisão da União. Mas também precisa do empenho do governo local. “A PM do DF é uma das melhores do país, mas foi muito desprezada na administração de Joaquim Roriz. O governador trabalhou muito mais para o aperfeiçoamento da Polícia Civil, no que se refere ao prestígio conferido à corporação”, explica o pesquisador Gláucio Soares. Ele é professor aposentado da Universidade de Brasília (UnB) e estudioso ligado ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj).

A contratação de novos policiais é a única maneira de diminuir o abismo entre a população crescente e a tropa minguada do DF. Um concurso para soldados realizado no ano passado aprovou 1,6 mil candidatos. A PM iniciou esta semana a formação de 800 deles.

RORIZ ANUNCIA REFORÇO

Antonio Siqueira



Até o final deste ano, a Polícia Militar do Distrito Federal vai contar com 800 novos policiais. Ontem, os candidatos aprovados no último concurso foram recepcionados no Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CEAP). O curso tem duração de seis meses e começa no próximo dia 1º de julho. O governador Joaquim Roriz anunciou que,

em janeiro de 2003, serão chamados outros 800 candidatos aprovados. O DF tem cerca de 14.500 PMs. Por lei, o número previsto é de 16 mil militares. “Em no máximo um ano e meio teremos preenchido o efetivo”, garantiu o governador. Na ocasião, a PM também recebeu 1.172 novas pistolas calibre ponto 40, 19 caminhonetes Blazer e 25 motos.